

Cenário do

ANO X - EDIÇÃO 39 - 2016

revista **T**ransporte



Mala Direta
Postal
Básica
9912341225-DR/RS
ABTI
CORREIOS

ORDEM E PR

Mercosul chega aos 25 anos

Bloco econômico propiciou crescimento do transporte de cargas.

Empresas brasileiras voltam a investir na Argentina

Empresas brasileiras voltam a investir na Argentina

O perfil mais liberal de Mauricio Macri, após três meses de governo, já começa a surtir efeito na economia da Argentina. Dentre as medidas mais destacadas, o fim do controle cambial, a eliminação das cotas de exportação e redução dos impostos de exportação, a redução de barreiras protecionistas para a importação e a redução dos produtos sujeitos ao pacto de preços, estão provocando confiança e otimismo nos investidores estrangeiros. Multinacionais brasileiras voltam a investir no país vizinho, até mesmo como forma de mitigar a recessão enfrentada no Brasil.

A JBS, a maior processadora de carne do mundo, é uma das empresas interessadas que volta a expandir seus negócios na Argentina. Anteriormente prejudicada pelas restrições de exportação de carnes bovina, a companhia fechou quatro das cinco unidades de abate no país, voltando-se apenas para o mercado local argentino. Atualmente a JBS opera apenas com uma fábrica em Rosário, onde trabalham 1.500 funcionários. Com as mudanças no país, já planeja retomar as atividades nas unidades paralisadas para voltar a ter uma plataforma de exportação na Argentina.

A Marcopolo, que tem duas fábricas de ônibus no país, tinha como meta exportar 100 unidades de ônibus para o mercado argentino neste ano, mas os pedidos já aumentaram para 150.

A retirada das travas comerciais, como a que dificultava a entrada de importados no país, e a expectativa de



uma retomada do crescimento, estão despertando o interesse de empresas brasileiras que ainda não têm presença no território argentino. Desde 2012 os investimentos diretos do Brasil na economia argentina vinham caindo a cada ano. Segundo dados do Banco Central, foram 109 milhões de dólares no ano passado, bem abaixo dos 618 milhões de dólares registrados em 2012.

Esse movimento também se refletiu nas empresas brasileiras que encontraram dificuldades de importar e exportar e acabaram saindo do país. Após sucessivos prejuízos, a empresa de louças e metais sanitários Deca foi uma das que fechou as portas da unidade que tinha na província de Buenos Aires, em 2013. Cerca de 20 a 30 empresas brasileiras seguiram o mesmo caminho e deixaram a Argentina nos últimos quatro anos, segundo o presidente do Conselho da Câmara de Comércio Argentino, Alberto Alzueña. Hoje, cerca de 250 empresas brasileiras têm filiais argentinas.

O livre comércio de automóveis

O setor automotivo brasileiro passa por uma forte crise, com que-

da nas vendas, excesso de capacidade ociosa e demissão de funcionários. A ascensão de Macri deixou as montadoras brasileiras mais otimistas quanto à discussão do acordo automotivo bilateral, que expira em junho. A abertura do mercado vizinho poderá ampliar as exportações de veículos. O setor automotivo representa mais da metade do comércio entre Brasil e Argentina.

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, informou que a associação está buscando na renegociação do acordo automotivo com a Argentina o livre comércio de automóveis e autopeças. “Com a transparência do câmbio flutuante nos dois países, nossa proposta é de livre comércio”, disse Moan.

Atualmente, o sistema vigente de comércio bilateral é o “flex”, que estabelece que o Brasil pode exportar sem tributação até 50% a mais do que importa dos argentinos. Ou seja, pelo tratado, as montadoras podem vender, com isenção de impostos, no máximo 1,5 dólar para cada 1 dólar importado de montadoras do país vizinho.